



Jornal escolar, midiaticização e educomunicação: um estudo de caso¹

Francisco Hiago de Lima MACIEL²

Fernando da Silva CORDEIRO³

Itamar de Moraes NOBRE⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Este artigo tem como objetivo central discutir a produção do jornal escolar *Fala Galera MG*, de uma escola da rede estadual de ensino do Ceará, como uma ferramenta de midiaticização das práticas sociais no ambiente escolar, avaliando ainda tal iniciativa com base nos princípios da Educomunicação, compreendida como uma conjuntura teórico-metodológica preocupada com a autonomia dos sujeitos e com a transformação social conforme Soares (2006). Nossa discussão também baseia-se em Fausto Neto (2006, 2008), Véron (1997, 2001), Sodré (2004), Rodrigues (1999) entre outros, cujos pressupostos definem midiaticização, grosso modo, como a influência que o campo das mídias podem exercer nas práticas sociais cotidianas.

Palavras-chave

Educação; Comunicação Social; Jornal Escolar; Educomunicação; Midiaticização.

Introdução

O século XXI pode ser, de longe, considerado o século da informação, da mídia, da influência das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano das pessoas, em todas as esferas sociais. Consiste trabalho primordial do comunicólogo, portanto, avaliar o impacto dessas transformações em qualquer tempo e espaço, considerando suas especificidades. Não raro, encontramos na escola um ambiente em que as transformações sociais provocam ligeiras mudanças em sua configuração, nas trocas que ali ocorrem.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 2 a 4 de julho de 2015

² Graduando 2º semestre do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da UFRN. Participa da Iniciação Científica no projeto de pesquisa: As Manifestações Culturais em São Gonçalo do Amarante/RN. E-mail: franciscohiago.lm@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Substituto do Departamento de Letras da UFRN, professor do curso de Comunicação Social da UFRN. E-mail: nandocordeiro1@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia e do Programa de Pós – Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da UFRN. Membro do Núcleo de Pesquisa Fotográfica: Fotografia, da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos da Mídia Interdisciplinares da Comunicação. Membro da REDE FOLKCOM – Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. E-mail: itanobre@gmail.com



Com o presente artigo queremos, sem pretensiosamente esgotar a discussão, problematizar a produção de conteúdo midiático dentro da escola, analisando o processo de midiatização onde os alunos são atores sociais e o campo escolar se configura como uma sociedade midiatizada. Além disso, pretendemos observar como essa produção de conteúdos pode transformar uma realidade social através dos princípios da educomunicação. Metodologicamente, recorreremos a um estudo de caso para avaliar como se configura o processo de midiatização no ambiente escolar e como os princípios da educomunicação atuam no trabalho com mídias no mesmo ambiente. Tomamos como exemplo o jornal escolar “*Fala Galera MG*” que reunia produções de texto e foto de alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria Gonçalves, localizada em Fortaleza (CE). O jornal funcionou por cinco anos, contando com a participação de cerca de 100 alunos sob a coordenação da professora Vânia Fiúza. Após a aplicação de um questionário simples, com questões abertas e subjetivas acerca da experiência vivida pelos alunos da escola, montamos relatos dos participantes do projeto para reconstituir o processo de elaboração do jornal, seus impactos para a realidade dos estudantes da referida instituição e, finalmente, apontar resultados para a discussão a que nos propomos.

No tocante à fundamentação teórica deste artigo, elegemos como foco principal as discussões acerca de midiatização e educomunicação. O processo de midiatização é definido, grosso modo, como aquele no qual ocorre a influência da mídia sobre a sociedade. Em outras palavras, a “midiatização” pode ser entendida como os múltiplos entrecruzamentos entre tecnologias midiáticas, campos e atores sociais, meios de comunicação social tradicionais e sociedade (SGORLA, 2009). Em suma, o processo de midiatização pode ser denominado como aquele no qual há convergência entre tecnologias midiáticas e práticas sociais estabelecidas, ressaltando a influência daquelas sobre estas. Já a educomunicação é “um campo de pesquisa, de reflexão e de intervenção social, cujos objetivos, conteúdos e metodologia são essencialmente diferentes tanto da Educação Escolar quanto da Comunicação Social” (SOARES, 2006). Tendo em vista a intervenção social citada pelo pesquisador, a educomunicação pode reestabelecer práticas e gerar mudança social. Assumimos que os dois processos tem pontos em comum por tratarem de produção e recepção de conteúdos midiáticos, seus usos e impactos em determinados campos da vida em sociedade, como a educação.

A escola pode ser um dos campos de observação desses processos, já que os meios de comunicação tradicionais e as novas tecnologias midiáticas influenciam muito



a vida dos estudantes brasileiros. Um pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que o percentual de jovens de 10 a 17 anos que assistem TV pelo menos 3 horas por dia é de 58,8%, sendo o maior percentual por faixa etária do Brasil. Uma pesquisa realizada pelo Comitê Gestor de Internet no Brasil (CGI), em 2012, aponta que pelo menos 70% dos entrevistados entre 9 e 16 anos têm perfil em redes sociais digitais e 85% deles acessam a internet pelo menos uma vez por semana. Segundo essa mesma pesquisa, as ferramentas de acesso mais utilizadas são o celular e o computador. Um levantamento feito em 2012 pela fabricante de equipamentos de rede Ericsson indica que 73% dos brasileiros assistem TV ao mesmo tempo em que interagem com outras pessoas pelas redes sociais. Mesmo que essa última pesquisa não indique o percentual por faixa etária, é um número interessante levando em conta o alto número de jovens que acessam as redes sociais.

Indubitavelmente, a comunidade escolar como um todo não escapa das interferências dessa mudança nos hábitos de consumo midiáticos, pois o modo como os estudantes vão se relacionar com os diversos conteúdos muda, inclusive dentro da sala de aula. Afinal, a disponibilidade de informação e espaço que o estudante hoje tem para também gerar conteúdo altera significativamente essa relação, o que leva, possivelmente, o professor a se adaptar nesse novo processo, buscando novas formas de dar aula, resultando em uma *mediatização* do ensino.

Fundamentação teórica

A *mediatização* é um processo motivado por um cenário global onde existem necessidades determinadas pelas tecnologias da informação e da comunicação, de modo que o grande acesso a essas tecnologias e seus usos cada vez mais constantes redimensionam práticas sociais em diferentes campos. Não é difícil perceber tal fenômeno uma vez que somos bombardeados de informações por todos os lados e mudamos, em face do nosso tempo, o modo como nos relacionamos com elas. Uma notícia veiculada em portal da internet é submetida a comentários, classificações, compartilhamentos e outras formas de interação: eis aí um exemplo do processo de *mediatização*. Dito de outro modo, as pessoas comuns passam agora a ter certo “domínio” sobre o que era exclusivo do campo das mídias, alterando as relações individuais e coletivas da sociedade. Aos poucos, quebra-se a verticalização da informação, em que tudo é lançado da mídia para as pessoas. O processo de



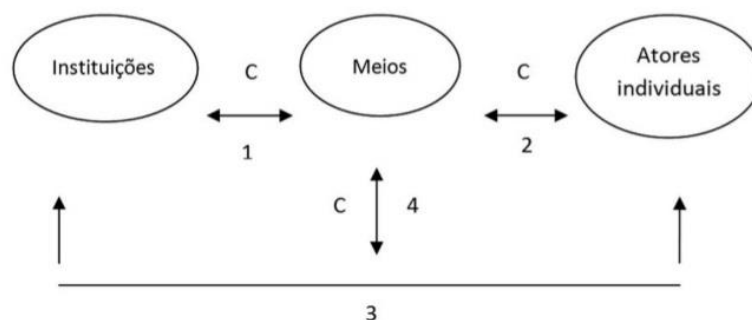
mediatização permite uma reconfiguração dessa prática, a partir do momento em que o público também passa a ser produtor de conteúdo e não só mero receptor: “todo emissor pode ser receptor, todo emissor pode ser receptor.” (PASQUALI, 1963). Esse conceito de bivalência, citado por Pasquali, rege ambos os processos tratados nesse artigo.

Para Rodrigues (1999) a mediatização:

“é registrada como o processo em que as tecnologias midiáticas, técnicas, lógicas, estratégias, linguagens, operações sociotécnicas e demais protocolos das mídias, até então exclusivos do campo das mídias, campo midiático ou campo dos media, passam a fazer parte da lógica do tecido social.”

As mídias sociais digitais podem representar muito bem essa definição dada pel(a) autor(a) pois, com o advento delas, as pessoas passaram a produzir conteúdos midiáticos e publicá-los em seus perfis, *timelines*, blogs, portais, etc. Hoje é possível encontrar mais de uma versão sobre um mesmo fato, ou seja, a internet passou a servir de ferramenta para grandes conglomerados de comunicação, que disputam por espaço na rede, assim como nos meios de comunicação tradicionais (impressos, rádio e TV).

Assumimos, assim como Véron (2001), que “uma sociedade em vias de mediatização é aquela aonde as instituições, as práticas, dos conflitos, das culturas, começam a estruturar-se de forma direta com as mídias.” Isso é o que se pode observar no contexto atual, no qual a dependência das mídias é cada vez maior e as pessoas passam a querer produzir conteúdos e dar a sua visão dos diversos acontecimentos, bem como expressar seu posicionamento, reclamar, elogiar, mostrar sua presença. As mídias, de certo modo, hoje regem nossas práticas sociais determinando modos de comportamento e consumo, principalmente entre os jovens. Através do poder questionador da juventude é possível estabelecer a construção de um diálogo com a mídia. Os jovens, portanto, ao mesmo tempo em que produzem são também produtos desse processo de mediatização em curso na sociedade. Ainda em Verón (1997 *apud* FAUSTO NETO, 2006), temos um esquema das zonas de afetações do processo de mediatização:



Veron, 1997. Esquema para análise da mediação

Imagem 1: Esquema de análise da mediação em Verón (1997)

Para melhor compreensão do diagrama, tem-se que: C1 – as instituições relacionam-se com os meios (ou as mídias); C2 – os meios relacionam-se com os atores individuais; C3 – as instituições relacionam-se com os atores sociais; e C4 – os meios influenciam na relação entre os atores sociais e as instituições. É importante observar que as setas indicam uma bidirecionalidade, ou seja, há influências de um lado para outro pois cada campo vai impor ao processo suas especificidades.

Com efeito, decorrente desse processo, temos uma “sociedade mediada” em que, conforme caracterização de Fausto Neto (2006), “sua estrutura e dinâmica calcada na compressão espacial e temporal, que não somente institui, como faz funcionar um novo tipo de real, cuja base das interações sociais não mais se tecem e se estabelecem através de laços sociais, mas de ligações sociotécnicas”. Entendemos assim que a sociedade mediada tem sua estrutura ressignificada através de conteúdos midiáticos produzidos por sujeitos que dão uma nova dimensão a esse espaço, no caso deste artigo temos a escola como espaço mediado e os alunos como sujeitos transformadores dele. Os alunos, como protagonistas atores sociais, constroem uma nova realidade no ambiente escolar. Segundo Costa (2015), o que se observa é o ingresso na escola de um “novo aluno”, que olha, ouve, sente, sonha, percebe, fala de forma articulada, fragmentada e totalmente dependente das tecnologias: celulares, computadores e mídias sociais”. Esse novo aluno traz uma característica interessante da geração que já nasceu conectada com as novas tecnologias e usufrui desse espaço para expressar sentimentos, opiniões e percepções sobre vários temas. Incentivar que os alunos produzam conteúdos midiáticos dentro da escola é gerar uma memória coletiva social daquele ambiente. A mediação, nesse sentido, seria o apropriação de veículos midiáticos dentro do ambiente escolar, como jornal, rádio, blogs, *podcasts*, vídeos e outros e a produção



deles pelos próprios alunos. No entanto, além de observar esse fenômeno que estimula a produção de conteúdo, deve-se observar também o papel social que esse tipo de produção pode atingir dentro da escola sobretudo em face das transformações que tais práticas provocam no ambiente escolar e nos sujeitos envolvidos.

É inegável, afinal, que a comunicação pode ser um agente transformador em potencial. Os meios de comunicação tradicionais tem o poder de expor ideias, formar pensamentos, discutir temas e exercem grande influência na sociedade. Já as novas tecnologias da informação, além de todo esse poder tradicional, trazem a oportunidade de transformar a sociedade em produtora de conteúdo, como já discutido. O cidadão hoje não se conforma apenas com o papel de receptor e emite cada vez mais suas opiniões no processo de comunicação. Verifica-se então que esta cidadania a que nos referimos surge da inquietação, do questionamento, da reação, do posicionamento efetivo em relação à informação consumida diariamente. Partindo dessa perspectiva, dentro da escola, é importante observar essas mudanças sob a ótica dos princípios da Educomunicação. É alvissareiro, portanto, esclarecer a qual acepção do termo estamos nos referindo pois não se trata aqui de uma simples associação de educação e comunicação, isto porque educação e mídias tornaram-se instituições de reprodução social e, conseqüentemente, manutenção. A Educomunicação cujo construto fazemos valer neste artigo surge no compromisso com a mudança social, política, econômica e implica, de modo geral, ação contra o *status quo*.

Para tanto, um dos principais princípios é o da *democracia*. No trabalho com educomunicação, tão melhor é o espaço quanto mais democrático ele for, o que implica um ambiente em que todos têm garantido o direito à expressão, todos podem participar e tomar decisões escolhendo sobre o que vão falar, como devem se organizar e qual o melhor caminho para atingir os objetivos de toda a coletividade. Em certa medida, para ter garantido esse princípio, deve-se atentar para um segundo: o da *alteridade*, uma vez é preciso reconhecer a existência de um outro, também dotado de voz e com o qual interagimos em uma troca constante de papeis (falamos e seremos ouvidos, em outro momento ouviremos para que os outros falem). Reconhecendo os sujeitos como heterogêneos, múltiplos e pluriculturais, não é estranho lidar com diferentes discursos, advindos de formações e experiências diferentemente acumuladas por cada um, assim, mais um princípio básico da Educomunicação para Soares é a *transdiscursividade*. Esse princípio implicaria na construção de um novo discurso, essencialmente crítico, a partir do qual a produção de conteúdos não fosse pensada em



termos de “transmissão” de informações, mas sim de uma constante troca de saberes, ressaltando o caráter dialógico desse processo.

Tendo em vista a natureza iminentemente libertária da educomunicação e as especificidades da escola como um ambiente propício à aprendizagem, destacamos a autonomia como grande finalidade desse processo. Retomamos, nesse ponto, Paulo Freire e sua obra “Pedagogia da autonomia” (1996), para quem a prática educativa transformadora está baseada em três pilares: ética, respeito e autonomia. Segundo ele, o papel do educador seria provocar o sujeito educando a assumir uma nova postura como sujeito ativamente social e cultural.

“É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos.”

Analisando a visão de Freire, podemos pensar em um processo de comunicação desverticalizado, assim como na mediação, já que é exigido aqui um diálogo para que a prática seja efetuada. Sem diálogo não há educação, não há comunicação e muito menos educomunicação. Barranquero (2007), destaca que o mais importante é o processo de transformação gerado e não o produto. Ele coloca que um dos principais passos desse processo é “promover o acesso, a participação e a apropriação final do produto por parte dos atores implicados.” O autor pensa a Educomunicação como importante ferramenta de mudança social, inclusive, defende o avanço dela como disciplina acadêmica para que haja comunicadores comprometidos com essa área.

Análise e discussão

A Escola Estadual Professora Maria Gonçalves está localizada na Rua Nossa Senhora Monte Carmelo, S/N, Boa Vista, na cidade de Fortaleza - CE. Conta atualmente com aproximadamente 900 alunos, distribuídos nos níveis Fundamental (Anos Finais) e Médio e nas modalidades regular e EJA, segundo dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2013. Durante seus anos de funcionamento, a escola desenvolveu vários projetos educativos na área de comunicação como jornais, rádio e blog. Um desses projetos é o jornal escolar *Fala Galera MG*, tendo sua primeira edição em 2009, cujo objetivo eram incentivar a leitura e a produção textual dos alunos da escola. A ideia foi concebida numa parceria do núcleo gestor com o Centro de Mídias da escola. O jornal contou com um antecessor, chamado *Folhinha MG*, que



era produzido por alunos de ensino fundamental; enquanto o *Fala Galera MG* era produzido por alunos do ensino médio. O objetivo principal dessa mudança foi melhorar o conteúdo do jornal e aproximá-lo ainda mais da comunidade escolar.

Inicialmente, constatamos que a equipe do jornal tem um bom tempo de permanência na atividade visto que todos os cinco informantes participaram, em média, por 3 anos, atuando nas mais diversas funções: redator, diagramador, pauteiro, etc. Quando questionados justamente sobre essas funções, os alunos relataram que elas eram divididas na reunião do jornal, onde se discutia a pauta da próxima edição e, conseqüentemente, o responsáveis pelas matérias. Dessa forma, evocamos dois princípios da Educomunicação que é o da democracia e o da produção coletiva: as decisões cabem sempre ao grupo, todas as sugestões devem ser apreciadas, discutidas e votadas horizontalmente, sem que exista uma hierarquia entre os envolvidos. Assim, o trabalho torna-se mais plural e diverso. O questionário aplicado também abordou a relação da professora-monitora com os alunos envolvidos, investigando, por exemplo, em que medida a alteridade, a troca de papéis dos sujeitos na interação era respeitada e o resultado foi muito positivo pois verificamos que não existia uma coordenação, no sentido impositivo da palavra, já que os alunos eram próximos da professora e ela, por sua vez, estava sempre aberta a discutir os rumos do jornal. Os informantes também disseram que o papel da professora era de ajudar na elaboração das matérias, tirar dúvidas, marcar as reuniões e estimular o grupo para o cumprimento das atividades.

Não se pode perder de vista o fato de que os alunos envolvem-se no jornal porque veem nele um importante instrumento de mudança e participação ativa no cotidiano escolar. Alguns alunos disseram que o que os levam a fazer parte do jornal é “o entusiasmo de fazer algo novo e que chegasse aquela informação ou conhecimento a todos os alunos da escola”, o que, de longe, indica que os alunos vislumbram no jornal mais informação e, conseqüentemente, mais conhecimento. Outrossim, ressaltamos a importantíssima colocação de um dos informantes quando respondeu: “porque o jornal era o espaço no qual podia expressar minha opinião”, pois tal resposta é exatamente o que se espera para um processo de produção no qual as epistemes alternativas são centrais, como na Educomunicação. Por último, não menos importante, a relação entre leitura e escrita é, em certa medida, determinante para o ingresso do alunado em uma iniciativa como o jornal escolar, uma vez que alunos leitores e/ou escritores tendem a se interessar mais e alunos com dificuldades nesses domínios da linguagem podem implementá-los a partir do trabalho com a linguagem jornalística. Na pergunta que dizia



respeito ao jornal escolar e sua influência na futura profissão dos alunos, foi quase unânime o fato de que a prática auxiliou no desenvolvimento da capacidade de interpretação textual, produção em língua escrita e oral e na escolha da profissão (um dos informantes hoje cursa Jornalismo).

Por outro lado, é objetivo deste artigo verificar também a emergência do conceito de midiaticização em função da existência do jornal escolar, veículo essencialmente midiático. Para tanto, retomamos a discussão proposta por Fausto Neto (2008) quando cita Rodrigues (2000): “a vida e dinâmicas dos diferentes campos são atravessadas, ou mediadas, pela tarefa organizadora tecno-simbólica de novas interações realizadas pelo campo das mídias”. Em outras palavras e, de modo mais aprofundado, o campo das mídias e seu status quando em seu entrecruzamento com as práticas sociais provoca um processo amplo de construção de sentido e de novas “formas de vida” (SODRÉ, 2004). Não poderia ser diferente na escola enquanto instituição e prática social quando confrontada pela nova realidade criada pelo jornal escolar. A esse respeito, para uma análise mais aprofundada, trazemos de volta Verón (1997) e os campos afetados pela midiaticização: instituição, mídias e atores sociais.

Uma questão aplicada aos informantes foi: “O que você acha que mudou na escola com o jornal”, por meio da qual procurávamos aferir ou identificar as mudanças promovidas no ambiente escolar com a presença do jornal. As respostas não poderiam ser mais satisfatórias à medida em que foi unânime por parte dos informantes que a escola viu mudanças em seu contexto e no cotidiano dos alunos. Como ganhos expressivos relatados temos “a disseminação da informação”, o que fez com que, de alguma forma, os assuntos comentados pela escola viessem das publicações jornalísticas ou que se tornassem matéria. Outro ponto destacado foi a interação entre o corpo escolar, a saber: docentes, discentes e gestão escolar, porque o jornal era um canal aberto para expressão de tudo o que acontecia na escola, ou seja, estava ligado ao que acontecia nesses três âmbitos. A fala de um dos informantes remete à própria interação entre os discentes que fora estimulada em virtude da produção do jornal: “[...] no horário do intervalo o pessoal lhe chamava e conversava sobre os assuntos que estavam no jornal, e muitas vezes discutiam por concordar ou não, e eu penso que pra se chegar a discutir sobre o assunto é porque só pode ter lido o jornal.”. Em outra instância, vemos um destaque ao desenvolvimento da leitura também indicado como uma mudança no contexto escolar por um dos informantes.



Focando na mudança entre os atores individuais, observamos a emergência de jovens muito mais autônomos, participativos, preocupados com a participação ativa no ambiente em que convivem e empoderados, na acepção mais ampla do termo, quando responsáveis pelas mudanças ao seu redor. O status que o uso das mídias lhes confere, não só em termos de reconhecimento, garante aos jovens uma sensação de pertencimento e de poder (essa é a palavra!) nunca antes experimentada. O ator individual deixa seu papel de consumidor passivo e começa a usar a mídia como mediação para suas práticas sociais, ocupando agora um lugar onde nunca estivera antes: formador de opinião, portador das notícias, agente crítico daquela realidade. A mudança, portanto, não está só nos conteúdos (de língua portuguesa, por exemplo) ou no domínio de uma ferramenta (conhecer as etapas de elaboração de um jornal), pois, como bem colocaram os informantes, havia também atitudes positivas ali envolvidas: cooperação, organização, respeito e responsabilidade.

Embora utilizemos aqui construtos teóricos diferentes para analisar um mesmo objeto, não deixamos de enxergar convergências na prática entre midiatização e Educomunicação. Por isso, neste último momento, problematizamos a relação da produção “educ comunicativa” e a midiatização. Já vimos que o jornal escolar pode ser um grande aliado na aprendizagem dos alunos, uma vez que, como diz Paulo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Contudo, para o viés da educomunicação, é premente atentar para a democracia, para o respeito ao outro e, sobretudo, para a desconstrução das relações de poder (relações hierárquicas) visando à autonomia, à intervenção social, à mudança. Neste momento, quando a midiatização aplica-se à expansão destes valores teremos uma experiência humanamente exitosa tanto para as instituições quanto para os sujeitos, pois a articulação das mídias serviriam à veiculação de epistemologia(s) que não tem(têm) espaço nas grandes mídias porque estas sim são homogeneizantes e massificadoras.

Todavia, compreendemos que a relação com as mídias podem justamente caminhar para o lado contrário: os recursos midiáticos na escola, espelhando-se no que acontece num contexto macroestrutural, podem tornar-se uma ferramenta puramente institucional, voltada para a veiculação de ideologias e discursos próprios da instituição. Os atores, nessa perspectiva, não seriam de fato agentes de transformação simplesmente pelo envolvimento com o jornal, eles estariam auxiliando a reprodução de discursos alheios, o da escola, que nem sempre são voltado para a emancipação dos sujeitos. Imaginamos que num futuro hipotético a imagem da escola possa ser mais importante



do que o que os alunos têm a comunicar acerca dela. Triste constatação, porém entendemos isso como um risco que corre essa “sociedade midiaticizada”. Por outro lado, é possível que, em determinado ponto, o jornal passe a influenciar na identidade dos sujeitos à medida que, via status adquirido, passe a diferenciar, segregar, modelar comportamentos. Muitas vezes é o resultado de um alto grau de publicidade na mídia, tornando o jornal escolar uma prática um tanto diferente do que se espera em suas finalidades.

Considerações finais

Ao fim deste artigo, pudemos constatar que a existência do jornal escolar modifica em muito o contexto daquele espaço, assumindo papel de articulador na relação entre instituição e sujeitos envolvidos e promovendo maior interação entre instituição e mídia; sujeitos e mídias. É premente, no entanto, ter em vista quais os objetivos do jornal: enxergando a comunicação como uma indescritível ferramenta de transformação social, entendemos que ela deve ser usada para a educação, para a transmissão de valores e atitudes responsáveis. Assim, essa “mídiação” em curso só tem a acrescentar na realidade da escola, agindo inclusive como um trampolim para que a escola atinja seus arredores, a comunidade escolar como um todo, envolvendo-os no processo de ensino-aprendizagem e de melhorias na educação como um todo.

Referências

- BARRANQUERO A. **Concepto, instrumentos y desafíos de la edu-comunicación para el cambio social**. Comunicar, Huelva España. Año/Vol: XV. pp. 115-120.
- COSTA, Elizangela da. **“Mídiação e Escola: dos discursos às práticas”**. Paráfrase, São Paulo. jan-jun 2015 V. 1, N. 3 (2015), Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/260/312>. Acessado em: 13 de abril de 2015.
- FAUSTO NETO, Antonio. **Mídiação, prática social: prática de sentido**. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (COMPÓS), 15, 2006, Bauru/SP. Anais eletrônicos. CD- ROM.
- FAUSTO NETO, Antonio. **Fragmentos de uma <<analítica>> da mídiação**. Revista Matrizes. v. 1. n. 2, São Paulo: ECA-USP, 2008.
- FREIRE Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25ª Edição. São Paulo, 1996.



PASQUALI, A. (1963) **Comucación y cultura de masas**. Caracas, Universidad Central de Venezuela.

RODRIGUES, Adriano. A autonomização do campo dos media. In: Reflexões sobre o mundo contemporâneo (Raimundo Santana Revan, org.). Teresina: UFPI. 2000

RODRIGUES, Adriano. Experiência, modernidade e campo dos media. www.bocc.ubi.pt. 1999

SGORLA, Fabiane. **Discutindo o “processo de midiatização”**. Mediação, Belo Horizonte, v. 9, n. 8, jan/jun de 2009. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/285/282>. Acessado em 09 de abril de 2015.

SOARES, Donizete. **Educomunicação - o que é isto?**. São Paulo, 2006.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho. Petrópolis: Vozes, 2004.

VERÓN, Eliseo. El living y sus dobles: arquitecturas de la pantalla chica. In: _____. **El cuerpo de las imágenes**. Buenos Aires: Editorial Norma, 2001.